

FIAMINGHI FIEL AO CONCRETISMO

Hermelindo Fiaminghi começou a pintar aos 12 anos de idade, mas ele conta o seu tempo de pintura apenas a partir de pouco antes do advento do concretismo entre nós: há 25 anos.

Paulista e paulistano de 1920, se apresentou pela primeira vez em 1955, na terceira Bienal de São Paulo, quando entra em contato com os concretos de então. Passou a engrossar as fileiras da nova tendência ao lado de Sacilotto, Fejer, Charoux, Mauricio Nogueira Lima, Cordeiro e tantos outros, além dos poetas Décio Pignatari e dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos. Figurou na 1ª. Exposição Nacional de Arte Concreta, em 1956, no MASP,² e no ano seguinte no Ministério da Educação do Rio de Janeiro.

Dentro da linha do op-art, Fiaminghi desenvolveu pesquisas de vibração das cores, dentro de uma "geometria recriada" como ele próprio diz.

O artista, entretanto, se não parou, arrefeceu o ímpeto de seu trabalho e passou a produzir em ritmo mais lento e praticamente desapareceu das galerias, se bem que sempre esteve presente de forma diluída, não deixando perecer o seu passado de pesquisas e lutas.

Volta ele agora a expor, mostrando trabalhos de décadas anteriores e algumas soluções de 1977, na Galeria A Ponte (rua Haddock Lobo, 1.005). A exposição estará aberta até o dia 1.º de outubro.

Por que "parou" tanto tempo, Fiaminghi?

"Eu não parei de pintar" – disse o artista. "Quando a pintura faz parte da gente, é impossível parar com ela definitivamente, embora tenha pensado várias vezes em parar mesmo, com a impossibilidade de conciliar a pintura com a vida prática."

Continua Fiaminghi: "O que realmente tem ocorrido, é que ausentar das exposições e não mostrar os meus trabalhos com frequência ou em exposições e não mostrar os meus trabalhos com frequência ou em exposições individuais. {CONFUSO}"

"Faço agora na Galeria "A Ponte" a minha primeira individual depois de 25 anos de pintura.

"Em relação à arte, não tenho presa, não sou ambicioso – o que tem me prejudicado em relação à divulgação dos meus trabalhos. Mas, por outro lado, este comportamento tem sido benéfico para a minha pintura. Posso pensar nela livremente, sem os compromissos de mercado".

E a crítica?

"A crítica não acompanha ou não tem condições de acompanhar o trabalho dos artistas. Não pesquisa com profundidade a sua obra.

"A crítica vem se resumindo apenas numa crônica de arte, favorável ou desfavorável, segundo o gosto pessoal, sem maiores conseqüências na orientação do próprio artista.

"Para mim – diz Fiaminghi – uma exposição a mais ou a menos, não faz muita diferença. O importante é fazer-se o trabalho, embora reconheça que mostrá-lo também é importante. Mas, sem pressa".

² A I Exposição Nacional de Arte Concreta ocorreu no Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP em dezembro de 1956.

Você que volta a expor, pretende continuar dentro do concretismo?

“Minha vida não é meia-tamanho-único que espicha à vontade do freguês. Dediquei-me ao concretismo e assim me entendo como pintor. E há muito por fazer, ainda.

“Nasci em São Paulo e nunca saí daqui. Sou um homem acostumado à cidade, aos bairros. Para que então, me reinventar? Não vim do campo, não conheço as caatingas, não sou boiadeiro e nunca montei cavalo. Deixo àqueles de outros comportamentos e vivências, que façam outras artes. Eu faço a minha, com a minha vivência urbana.”

“Respeito todos, exatamente por saber o que eu quero e a que eu pertencço. Sei que continuar concretista é uma temeridade para muitos. Como muitos entendem, é uma arte “beco-sem-saída”, “morta e enterrada” e sem mercado. Alguns até, com boas ou más intenções, desejando amenizar sua posição, tentam empurrar o seu trabalho para dentro de um buraco onde cabe tudo: o construtivismo. Outros negam categoricamente que tiveram influência – e a tiveram – no concretismo, como se ele fosse uma doença contagiosa.

“Continuar na linha concreta não é nada vantajoso (Fiaminghi se refere à vantagem econômica). É masoquismo.”

“Mas eu vou continuar.”

“Para os carreiristas, continuar concretista não é mais válido. Porque não oferece a mobilidade suficiente para ir e voltar ao sabor das ondas, como desejam e convém. Para os que entendem que a arte, antes de ser uma forma de sucesso, é uma forma de renúncia, o concretismo, assim como outras manifestações, quando levado a sério, permite evolução dentro de suas próprias propostas”.

“Minha posição e o concretismo continuam válidos”.

Fale do concretismo hoje. Afinal, morreu ou não?

“Hoje, aqueles que julgam o concretismo morto e enterrado, devem continuar a vê-lo assim. E que se mantenham bem à distância.

“Aos que fizeram arte concreta, e ainda vêm fazendo, e com ela estão comprometidos, restam poucas saídas para o sucesso. Mas encontram nela a evolução.

“O concretismo está sendo consumido direta ou indiretamente, inserido na publicidade, nas marcas e logotipos, nos padrões de tecidos, nas apresentações de televisão, na programação visual, nas fachadas, etc. E o que é mais curioso, ele é inserido exatamente por muitos daqueles que o combatem como manifestação de arte. Não é uma curiosa situação? Uma manifestação de arte que antes mesmo de ser aceita é engolida.

“Acho ainda muito cedo para afirmarem que o concretismo foi uma das manifestações mais importantes ocorridas depois da Semana de 22.

“Meus planos daqui para a frente?”

“Tenho planos de trabalho diferente, mas ainda dentro do concreto. Trata-se de uma pesquisa que venho desenvolvendo desde 1973, lentamente, por questões econômicas, pois exige muitos filmes e fotolitos. São os desretratos.

“Já fiz o desretrato do Haroldo de Campos executado para a sua antologia de poesia – “Xadrez de Estrelas” – editada pela Perspectiva.

“O trabalho consiste num percurso que vai do legível ao ilegível formal, mistura óptica da cor-luz. A luz que incide sobre as coisas e a paisagem, confere um tempo visível

sobre elas, com efeitos que vão do amanhecer ao anoitecer. E no dia seguinte tudo se repete de novo sem repetir o visível do dia anterior.

“Que melhor motivo – finaliza Fiaminghi – eu preciso para continuar concreto e com os meus planos? Eu não preciso pintar a paisagem. A Natureza faz isso por nós – basta olhá-la.”

Publicado na *Folha de S. Paulo*, 18 set. 1977. Caderno de Domingo, p. 67.

instituto de arte contemporânea